

ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA E A LITERATURA INDÍGENA: EXPÊNCIAS DE RODAS DE CONVERSAS

Érika Thalita dos Santos Lacerda¹ - Unifesspa

Lays Freitas Ramos² - Unifesspa

John Herbert Alves Morgado³ - Unifesspa

Valéria Moreira Coelho de Melo (Coordenadora do Projeto)⁴ - Unifesspa

Área de conhecimento: Ciências Humanas

Agência Financiadora da Bolsa: CAPES

Programa de Ensino: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)

Resumo: Neste trabalho, relatamos experiências de rodas de conversas desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Acy de Jesus Neves de Barros Pereira, no mês de abril. As atividades fazem parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no subprojeto de História “Entre os silêncios sobre a história indígena e a história das américas na educação básica: reflexões e preposições de estratégias pedagógicas em escolas de Marabá-PA”. O objetivo das atividades desenvolvidas foi ressignificar o dia 19 de abril, o “Dia do Índio”, pensando o Ensino de História Indígena. Abordaremos aqui relatos da roda de conversa em duas salas de 6º anos, que focou em Literatura Indígena, a escolha dessa temática se deu a partir da necessidade de trabalhar com educandos sobre culturas, identidades, sociedades indígenas, dando voz e ouvido ao sujeito estudado. Nesse sentido, a metodologia escolhida foi a leitura coletiva de alguns materiais, foram selecionados alguns autores: no 6º Ano A, a escritora indígena Márcia Wayna Kambeba; no 6º Ano C Daniel Munduruku, com o livro “Coisas de Índio: versão infantil”

Palavras-chave: Rodas de Conversas; Ensino de História Indígena; Dia do Índio; Literatura Indígena.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, relatamos experiências de rodas de conversas desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Acy de Jesus Neves de Barros Pereira, no mês de abril. As atividades foram desenvolvidas dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, no subprojeto de História “Entre os silêncios sobre a história indígena e a história das américas na educação básica: reflexões e preposições de estratégias pedagógicas em escolas de Marabá-PA”. O subprojeto tem por objetivo pensar o Ensino de História Indígena nas escolas de ensino básico nas escolas da cidade de Marabá-PA, trabalhando sobre culturas, identidades, sociedades indígenas com os educandos.

A iniciativa partiu dos professores supervisores do Pibid de História, Alex Sousa dos Santos e Ewerton Correa, a proposta logo foi aceita pela coordenação do Programa. A ideia de rodas de conversas dentro de sala de aula sobre a temática indígena nasceu da necessidade de ressignificar o “Dia do Índio”, ainda tão presente no ambiente escolar, a partir de uma visão mais crítica desse dia. Com isso ficou dividido a temas que iriam ser abordadas em cada ano, ficando para os 6º anos a Literatura Indígenas, os bolsistas pertencentes a essas turmas são os discentes Érika Lacerda, Lays Ramos e John Morgado.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História (FAHIST/ICH/Unifesspa). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: thalitalaceraa@unifesspa.edu.br.

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História (FAHIST/ICH/Unifesspa). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: lays.freitas@unifesspa.edu.br.

³ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em História (FAHIST/ICH/Unifesspa). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: john.morgado@unifesspa.edu.br.

⁴ Doutora em Antropologia Social: Professora Titular Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (FAHIST/ICH/Unifesspa). Coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: valmelo@unifesspa.edu.br.

Para isso, algumas leituras mais teóricas foram importantes para uma melhor reflexão e aplicação da atividade proposta. Dentre os textos que nos foram indicados, selecionamos Munduruku (2019), Silva (2022), Dorricco (2018). Os dois primeiros artigos abordam o "Dia do Índio" nas escolas brasileiras e pensa também a questão de identidade indígena, o terceiro artigo já desenvolve sobre a literatura indígena, ao dar ênfase à importância desta para a causa indígena no Brasil.

Um questionamento muito pertinente levantado pelo autor Daniel Munduruku é "qual tem sido o papel da escola na consciência crítica de nossas crianças e jovens?" (MUNDURUKU, 2019, p.46). Ver então o mês de abril como uma possibilidade de introduzir através da educação a reflexão sobre a temática indígena, ao começar pelo básico, a rever junto com os alunos o uso do termo "índio", tratando o tema com a seriedade que merece. Ver que a continuidade de uma abordagem folclórica e generalizante significa o não reconhecimento da diversidade dos mais de 307 povos indígenas, "o mês de abril tem que superar o próprio mês de abril" (MUNDURUKU, 2019, p.47). Logo, a escola deve assumir sua função social e educativa que contribua para formação de uma sociedade longe do preconceito e mais próxima do respeito e dignificação do "outro".

Mesmo com a Lei Nº 11.645/2008 que prevê a obrigatoriedade do ensino de história e cultura indígena e afro-brasileira, ainda é possível observar o "Dia do Índio" nas escolas carregado de estereótipos e de uma visão folclorizada e preconceituosa. Algumas abordagens são necessárias dentro de sala para trabalhar o 19 de abril, Giovani José da Silva, especialista em Ensino de História Indígena, indica aos educadores: abordar a trajetória do espaço-tempo dos povos indígenas, e aproximar o Ensino de História Indígena ao Ensino de História Afro-brasileira; evitar o uso de verbos no passado, pois esses reforçam a ideia do indígena como inexistente; afastar-se do "índio genérico"; dar voz aos povos indígenas, levando em conta o discurso ancestral. (SILVA, 2022, p.95-96).

Pensando nessa questão, o tema de Literatura Indígena trabalhado nos 6º anos possibilitou uma maior literatura indígena "é um instrumento político, uma plataforma político-cultural que tem como escopo a autoafirmação, a autoexpressão e a vinculação pública, política, cultural, institucional e normativa dos sujeitos indígenas" (DORRICO; 2018, p. 930). Ou seja, essa produção literária possibilita dar voz ativa aos povos indígenas, fugindo de uma visão caricata dos indígenas, que durante tanto tempo foi perpetuada por não indígenas.

Os objetivos gerais das rodas de conversas desenvolvidas: compreender a situação dos povos indígenas no Brasil; analisar a diversidade étnica existente no Brasil, dando enfoque à região sudeste do Pará; desmitificar estereótipos acerca da imagem do indígena e reconhecer a riqueza cultural, de costumes e tradições desses povos; identificar o lugar da mulher indígena dentro da sociedade indígena e não-indígena; identificar a literatura indígena como um instrumento de resistência.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

As rodas de conversas ocorreram na semana do dia 19 de abril, as turmas em que as atividades foram realizadas são: o 6º Ano A, do turno matutino, em que os bolsistas Lays e John atuam; e o 6º Ano C, do turno vespertino, onde a bolsista Érika atua. Em ambas as salas, a partir das análises das visitas anteriores, foi possível observar uma dificuldade na leitura e escrita dos alunos, a hipótese que aqui levantamos é que essa dificuldade se dá porque esses alunos foram alfabetizados no contexto pandêmico. Nesse sentido os textos escolhidos precisavam ser acessíveis, a partir de uma leitura mais dinâmica e fluida.

A roda de conversa foi apresentada aos alunos do 6º ano A, manhã na escola Acy de Jesus Neves de Barros Pereira pelos discentes Lays Ramos e John Morgado. Para a realização dessa atividade, foi utilizado uma autora: Márcia Wayna Kambeba, sua biografia e o poema "Educação Indígena". Os textos foram impressos e distribuídos para a turma, antes da leitura foi explicado sobre a importância da literatura indígena e a importância da mulher nesses espaços, além disso foi falado um pouco sobre as autoras indígenas e sua origem e caminhada até os dias atuais.

Na segunda turma, 6º Ano C, a roda de conversa foi aplicada pela discente Érika Lacerda. O texto escolhido para ser trabalhado no 6º C foi, do escritor Daniel Munduruku, "Coisas de Índio: versão infantil". A metodologia utilizada foi a leitura coletiva de parte desse livro, para tanto, foram impressas algumas cópias para serem distribuídas aos alunos. Em um primeiro momento antes da leitura e apresentação do texto, os

alunos indicaram suas percepções quando questionados “qual a primeira imagem que surge quando eu falo sobre indígenas?”.

As ideias foram anotadas no quadro, o objetivo pautar a roda de conversa nas palavras colocadas pelos educandos. As palavras que apareceram foram no mínimo preocupante, como “preguiçoso”, “violento”, “falta de higiene”. Por outro lado, alguns alunos levantaram palavras como “trabalhador”, “diversidade” e “cultura rica”. No final da leitura essas palavras foram revistas.

Depois da apresentação do livro e do autor, a leitura foi iniciada, a sala foi organizada em círculo, cada aluno ficou responsável pela leitura de um ou mais parágrafos. Durante o debate da roda de conversas foram trabalhados a questão de nomenclatura de “índio” e “tribo”, tão presente no ambiente escolar, introduzindo assim aos alunos um olhar mais crítico, e mostrando o poder que a palavra possui. Ao longo da explicação foi introduzido mais sobre a realidade de comunidades indígenas locais para explicar, sobre política, cultura e lugar da mulher indígena, usando como exemplo a Terra Indígena Mãe Maria, do município de Bom Jesus do Tocantins-PA. A escolha de trazer como exemplo comunidades próximas se deu pela necessidade de colocar a imagem do indígena no presente e não apenas no passado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado da roda de conversa no 6º Ano A foi bem satisfatório, houve a participação da maioria dos alunos, que se mostraram interessados com a dinâmica da aula. Ao final da leitura foi explicado um pouco mais sobre o lugar da mulher indígena, onde os alunos questionaram sobre as ideias pré-estabelecidas que já tinham sobre os povos indígenas com questionamentos como: “Eu achava que o lugar da mulher indígena era só plantando e cozinhando” ou “não sabia que os indígenas podiam estar nesses espaços”. De acordo com os questionamentos, foi explicado sobre esse lugar que pensam que o indígena deve ocupar e assim a aula foi finalizada.

Imagem 1 – Roda de Conversa 6º A



Na imagem 1 é possível observar a turma do 6º Ano A na biblioteca da escola, para realização da roda de conversa proposta pelos bolsistas.

Fonte: Acervo pessoal, 2023

Imagem 2 – Roda de Conversa 6º Ano C



Fonte: Acervo pessoal, 2023

Na imagem 2 é possível observar a realização da roda de conversa no 6º C, na própria sala, já que a biblioteca estava indisponível

O resultado da roda de conversa no 6º Ano C, por mais que não tenha atingido todos os objetivos, também foi bem satisfatório. O fato de o autor ser indígena chamou a atenção da turma, foi animador perceber que eles identificaram o Daniel Munduruku como uma voz ativa da causa indígena. Houve uma participação da maioria da turma na hora da leitura, eles se demonstraram genuinamente interessados no que o escritor estava trazendo, alguns dos educandos até mesmo pediram para levarem a cópia para casa.

Assim que a leitura foi finalizada, retomamos às palavras escritas no quadro. Por uma minoria da turma, houve uma certa resistência nos discursos negativos, o que nos leva a questionar a origem desses pensamentos e como ele está tão enraizado no imaginário social. Isso nos prova a urgência de trabalhar mais enfaticamente a temática indígena em sala de aula, assim como a lei N° 11.645 prevê, não apenas durante o famoso “Dia do índio”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, com as rodas de conversas foi possível constatar como o imaginário dos alunos acerca dos povos indígenas ainda é carregado de estereótipos. Isso ratifica a importância do projeto desenvolvido na EMEF Acy de Jesus Neves de Barros Pereira, o Ensino de História Indígena não deve ser trabalhado apenas no mês de abril, é um trabalho que deve ser feito ao longo de todo ano letivo. Sem dúvidas, os resultados das experiências introduziram a nós, bolsistas, a necessidade latente dos educandos de conhecerem mais sobre a questão indígena no Brasil. Mesmo em meio a tantas barreiras, essa visão da realidade escolar nos possibilita compreender a importância da disciplina de História no ensino básico, como uma ferramenta política.

5. REFERÊNCIAS

DANNER, L. F.; DORRICO, J.; DANNER, F. **Indígenas em movimento. Literatura como ativismo** Remate de Males, Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 919–959, 2018.

MUNDURUKU, Daniel. “**Posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou**”: uma reflexão sobre o ser indígena. Educação em Rede, Rio de Janeiro, v.7, p. 42-54, 2019

SILVA, Giovani José da. **O octogenário “Dia do Índio”: Histórias e Culturas Indígenas em Escolas Brasileiras Antes e Depois da Lei N° 11.645/2008**. Revista História em Reflexão, Dourados, v.15, n.31, p. 82-101, 2022.